

LIÇÕES DE GILBERTO FREYRE AOS HISTORIADORES

Cecília Maria Westphalen

Na minha leitura que é permanente da trilogia de Gilberto Freyre,¹ realizada aliás com o prazer intelectual de encontros renovados e de novas e insuspeitadas descobertas, por força da minha formação acadêmica, venho procurando e tenho encontrado as muitas lições de Gilberto Freyre aos historiadores. De fato, magistrais lições.

Já tive oportunidade de escrever sobre o modelo de História Social proposto por Gilberto Freyre,² acerca de *Casa-Grande & Senzala*, o tempo triúbio e a longa duração,³ bem assim sobre a antenova História Social do Brasil que é a de Gilberto Freyre.⁴

O modelo gilbertiano, o conceito do tempo triúbio, a antenova História, todos porém temas teóricos que revelam posições teóricas ante a concepção da História.

Todavia, como historiadora de ofício, sofro também as angústias do *fazer* História, sobretudo, do *como* fazer História, ou seja aquelas que Marc Bloch procurou dissipar no seu *Métier d'historien*.⁵

Esse ofício, depois das certezas positivas do final do século XIX, quando se firmou o método histórico e que a erudição histórica parecia haver alcançado um ponto de perfeição formal, teve os seus alicerces abalados pela contestação combativa da *Nova História*, e, sobretudo, pelas obras mestras que esta produzia.

Novos problemas são colocados, a história por exemplo dos povos sem história, aquela da África Negra; novas abordagens, como a introdução do quantitativo na História; e novos objetos, como o clima, o corpo, o mito, o inconsciente.

Porém, como atingir estas novas direções? Com as velhas fontes que haviam subsidiado a historiografia tradicional? Ou, novas fontes seriam necessárias?

François Furet, aliás, diz que "o primeiro problema que se coloca em termos novos, é aquele das fontes".⁶

O historiador trabalha com fontes. Nelas vai buscar suas evidências, as provas da sua hipótese.

Pas de document, pas d'Histoire, frase consagrada do manual de Langlois e Seignobos, é exemplificativa do exagerado privilégio dado pela historiografia positivista ao documento escrito, até "fazer do documento de arquivo, o material quase exclusivo de uma história voltada principalmente para o estudo dos fatos políticos, le dominada pelos grandes homens".⁷

Contudo, é preciso compreender que a historiografia positivista utilizava-se de arquivos tradicionais, constituídos por documentos de chancelaria, pelos despachos, pelas ordens, enfim, pelo documento político, diplomático ou militar, e assim produzia uma história tradicional.

As transformações do mundo contemporâneo, na verdade, é que conduziram a História para o interesse pelo econômico, pelo social, pelas massas, pela história de todos os homens e não apenas de alguns homens.

Diante desse interesse é que também as massas de documentos escritos, como, por exemplo, os registros paroquiais, "subiram à cena e ocuparam o teatro da História. Elas triunfaram graças ao computador que as organizou".⁸

A aproximação da História com as demais Ciências Humanas trouxe, na verdade, o alargamento heurístico, incorporando ao instrumental do historiador um sem-número de documentos não escritos, seguindo a abertura proposta por Lucien Febvre.

A história se faz com documentos escritos, sem dúvida. Mas ela pode se fazer, ela deve ser feita, sem documentos escritos se eles não existem. Com tudo que a engenhosidade do historiador possa permitir-lhe de utilizar para fabricar o seu mel. Com palavras. Sinais, paisagens e telhas. Formas de campo e ervas daninhas. Eclipses da lua e arreios de atrelagem. Exames de pedras pelos geólogos e de análises de espadas de metal pelos químicos. Em uma palavra, com tudo aquilo que sendo do homem, depende do homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.⁹

Portanto, novos problemas, novas abordagens, novos objetos e, sobretudo, novas fontes.

Partindo dessas considerações iniciais sobre a renovação metodológica da História, tornou-se incitante para mim, perscrutar as fontes de Gilberto Freyre, fontes que possibilitaram a ele, ainda no início da década de 30, realizar uma antevista história social quando outros homens de inextinguível valor, como Lucien Febvre e Marc Bloch, apenas começavam a vislumbrar os caminhos para uma nova História.

Desde a primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre advertia aos leitores que sua *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil* compreenderia sete volumes. Faltam *Jazigos e covas rasas*, na minha expectativa

o mais fascinante prometido, *Seleção de Manuscritos e Documentos, Seleção de Reproduções e Bibliografia Geral e Índices*.

Assim, no plano desta obra monumental, com visão Gilberto Freyre anunciava que incluiria manuscritos, documentos, ilustrações, livros, enfim, as fontes que embasam o seu trabalho.

Não temos ainda estes volumes, espero que um dia possamos tê-los. Certamente, pela lucidez do plano e da sua efetivação, ele os terá deixado e será, sem dúvida, finalidade e objeto da Fundação Gilberto Freyre, a sua publicação.

Assim, trabalhei com as notas do término dos capítulos e as bibliografias ao final dos livros.

Observei que o autor, em *Casa-Grande & Senzala* sob o título geral de Bibliografia, na verdade incluía:

- I. Fontes: manuscritos, documentos, etc.
- II. Material subsidiário: livros.
- III. Material subsidiário: memórias e periódicos.
 - a. Indicações gerais.
 - b. Indicações particulares. ¹⁰

Três anos depois, em *Sobrados e Mucambos*, esta classificação era revista, passando a:

- I. Fontes: manuscritos, documentos, etc.
- II. Fontes: periódicos, almanaques, anais, etc.
 - a. Indicações gerais.
 - b. Indicações particulares.
- III. Material subsidiário: livros.
- IV. Material subsidiário: periódicos, anais, etc.
 - a. Indicações gerais.
 - b. Indicações particulares. ¹¹

A revisão fizera-se particularmente no item relativo às fontes, agora dobrado. O primeiro passava a incluir os manuscritos, documentos de arquivos públicos e privados, memórias, crônicas, diários de relatos de viagem, relatórios oficiais. No segundo, nas indicações gerais, constavam almanaques, periódicos, em geral; e nas indicações particulares, referia-se a notas, artigos, manifestos, anais, etc, aparecidos nos periódicos já referenciados nas indicações gerais.

Todavia, em *Ordem e Progresso*, de 1959, a revisão foi mais ampla. Diria, radical. Agora, se continua com as notas ao término dos capítulos, Gilberto Freyre passa a incluir, após seu Prefácio, uma *nota metodológica*, na qual apresenta e discute o método e os procedimentos operacionais adotados, uma *nota bibliográfica* que substitui as Bibliografias anteriores, além de um *Índice biográfico* dos seus informantes e do que chama *tentativa de síntese* que, na verdade, é um capítulo à moda de conclusão antecipada. É bem conhecida, aliás, a antipatia de Gilberto Freyre pelas conclusões.

A *nota bibliográfica de Ordem e Progresso* inclui considerações acerca da periodização da História do Brasil, e o que hoje os acadêmicos chamam de revisão crítica da literatura.

A *nota metodológica* é que trata agora das fontes utilizadas, dos "testemunhos e documentos reunidos para servir de lastro ao ensaio que se se-

que".¹² Nele buscou "uma nova interpretação de documentos já conhecidos relativos à época em apreço; e aos quais se juntou, para a tentativa de análise e de interpretação" . . . o estudo de considerável número de autobiografias de indivíduos nascidos em nosso País entre 1850 e 1900".¹³

Essa era a novidade heurística. Ou seja, o emprego dos questionários, dos inquéritos sociológicos para conhecimento histórico, "do meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre, entre a Lei do Ventre Livre (1871) e a Presidência de Venceslau Brás".¹⁴

Eram autobiografias dirigidas porque se os indivíduos solicitados podiam expandir-se nas suas reminiscências, deveriam responder "a determinadas perguntas". De 1.000 questionários enviados, houve 300 respostas escritas, outras ditas, outras orais e recusas. O sigilo, quando solicitado pelo autobiografado, foi observado.

Porém, além desses depoimentos autobiográficos foi considerável o número de documentos pessoais de variada natureza: cartas familiares, diários, álbuns de família, fotografias, postais. Documentos insuspeitados, como livros de modinhas, cadernos de música, livros de receitas de cozinha ou de doces, cadernos escolares, contas de fornecedores de gêneros. Enfim, arquivos de famílias. Também inventários e testamentos, escrituras de compra e venda de escravos, cartas de alforria. Os objetos domésticos, como os candeeiros, as porcelanas, os cristais, caixas de rapé. Os leques, os camafeus. Os brinquedos infantis.

Os jornais com os seus anúncios, o noticiário de falecimentos, aniversários e casamentos, crônicas e artigos de assuntos políticos, econômicos, financeiros. Também, as revistas ilustradas, as revistas para crianças, as caricaturas.

Enfim, o leque de novas fontes que se abria em *Casa-Grande & Senzala*, ampliava essa abertura e trazia para o exame judicioso do pesquisador, novos objetos que possibilitavam "uma história de um novo tipo que antropólogos, sociólogos e psicólogos sentimos a necessidade de desenvolver já que os historiadores convencionais não nos dão o que nós buscamos no passado".¹⁵

De fato, o sopro renovador da historiografia que já se produzia na França, sobretudo a partir de 1949, com *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, ainda não alcançara os historiadores brasileiros que, em geral, permaneciam apegados às formulações tradicionais da erudição positivista. Gilberto Freyre, contudo, desde 1933, inaugurara a nova história do Brasil.

Em *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre aproveita-se fartamente das observações dos cronistas e viajantes, das coleções de documentos publicados, mas também é um pesquisador de arquivos públicos e privados.

Todavia, parece-me que em *Sobrados e Mucambos*, intensificou-se o gosto pela documentação de arquivo. Possivelmente, pela maior abundância de fontes do que para os séculos anteriores. São ofícios de autoridades diversas, Cartas Régias, Decretos, Provisões. Livros e correspondência de Câmaras Municipais. Livros de ocorrências policiais. Livros notariais, com testamentos, inventários, notas e outros. Compromissos e estatutos de Irmandades religiosas, livros eclesiásticos. Arquivos com a contabilidade de engenhos de açúcar, arquivos de família. Relações de alunos. Livros de Santas Casas de Misericórdia.

Afinal, fontes de arquivos e fontes outras não habituais ao uso do historiador mas que a nova História incorporava à nova metodologia.

A leitura e análise das notas de referência de Gilberto Freyre constituem complemento necessário para a compreensão da sua obra, como, sobretudo, tarefa atrativa e surpreendente pelo universo que representam.

Elas não têm o simples papel de apoio das afirmativas do autor, de informação complementar ou, ainda, de mera indicação formal de paráfrases ou quotas diretas realizadas.

As notas de Gilberto Freyre são, principalmente, encontros intelectuais entre o leitor e o autor, criados pela sua notável erudição e pela sua capacidade de pertinência heurística.

Não enfadam; pelo contrário, são atraentes. Constituem belas caminhadas pelos documentos, pelos periódicos, pelos livros. Entretêm animadas conversas com os informantes, de tal modo que vai crescendo a excepcionalidade da obra de Gilberto Freyre.

Para nós, historiadores, habituados às quotas de arquivos, de manuscritos, de livros antigos, estas notas têm o poder de colocar-nos em contato quase físico com as fontes referidas. São invejáveis pela precisão, pela clareza, pela consistência.

Mas, não é só. Este justamente o aspecto para o qual este trabalho chama a atenção, sobretudo daqueles historiadores presos ainda nas torres de marfim do convencionalismo já fustigado por Gilberto Freyre: as múltiplas notas que referenciam fontes não convencionais.

A exemplificativa seria longa. Basta lembrar a utilização dos anúncios de jornais do século XIX. A nota 1, ao Capítulo V, de *Sobrados e Mucambos*, está ali para mostrar a importância de fontes outrora desdenhadas.

Também, já em *Casa-Grande & Senzala* estão as quadrinhas populares que caracterizam famílias tradicionais, alcunhas dadas a senhoras de casas-grandes. Ou, as modinhas. Recordo, a nota 139, ao Capítulo III de *Casa-Grande & Senzala*.

Ordem e Progresso é todo fundado em fontes não convencionais, principalmente nas autobiografias dirigidas.

Recorde-se que Lucien Febvre alertava aos historiadores para que procurassem o seu mel em flores não habituais.

Com suas autobiografias Gilberto Freyre antecipava-se à história oral cultivada em nossos dias, possibilitada pelos gravadores portáteis, e que parte também de depoimentos pessoais, histórias de vida que o entrevistador e o laboratório ordenam. Mas, Gilberto Freyre, sobretudo, criava um tipo novo de documento — as *biografias em série*, exigidas hoje pela História Social que procura captar as massas, sem, contudo, perder os indivíduos, as elites, de todos os segmentos da sociedade, no sentido que lhe dá Adeline Daumard.

Ao criar suas fontes, ao multiplicar suas fontes para que possa verdadeiramente atingir a história profunda, a estrutura íntima da sociedade que lhe era cara, Gilberto Freyre demonstrava no ofício de historiador o que Collingwood dizia de modo a escandalizar os historiadores tradicionais, "every thing in the world is potential for any subject whatever". "Patenteava também, na prática do historiador, o que Henri-Iréné Marrou afirmou, "la notion, indéfiniment extensible, de document n'a de limite que celle de la pensée de l'historien".

Eis, portanto, a grande lição de Gilberto Freyre aos historiadores no que respeita às fontes: imaginação criativa e ousadia de criar.

Curitiba, dezembro de 1987.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso*, (1959).
2. Um modelo de História Social: o de Gilberto Freyre. *Anais do Seminário de Tropicologia*, Recife, 1980. Recife. Massangana, 1983, p. 232-47.
3. Casa-Grande & Senzala, o tempo tríplice e a longa duração. In: *Novas Perspectivas em Casa-Grande & Senzala*, org. Edson Nery da Fonseca. Recife, Massangana, 1985, p. 129-46.
4. *A antenova História Social do Brasil.* Recife. Fundação Joaquim Nabuco (no prelo).
5. BLOCH, Marc. *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'historien*. Paris. A. Colin, 1949.
6. FURET, François. Le quantitatif en histoire. In: *Faire de l'histoire*, org. Goff, Jacques e Nora, Pierre. Paris, Gallimard, 1974, v. 1, p. 42
7. GLENISSON, Jean. Uma história entre duas erudições. In: *Revista de História*, São Paulo, 55(110):433-62, 1977. Trad. de Cecília Maria Westphalen.
8. Idem.
9. FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'Histoire*. Paris. A. Colin, 1953, p. 428.
10. FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, INL/MEC, 20ª edição, 1980, p. 482-523.
11. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro. Liv. José Olympio Editora, 2ª edição, 1951, p. 1095-1150.
12. FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro. Liv. José Olympio, 2ª edição, 1962, p. XXVI.
13. Idem, p. XXVII.
14. Idem, p. XXVII
15. Idem, p. V.
16. COLLINGWOOD, R. G. The idea of history, Londres, 1947. Citado por Marrou, Henri-Irénée. Le métier d'historien. In: *L'Histoire et ses méthodes*. Encyclopédie de la Pléiade. Paris, 1961, p. 1513.
17. MARROU, Henri-Irénée. Le Métier d'historien. In: *L'Histoire et ses méthodes*. Encyclopédie de la Pléiade. Paris, 1961, p. 1513.